

A História Oral como recurso metodológico na entrevista jornalística

Marta Regina Maia*

RESUMO

O propósito deste artigo é discutir, em especial, como o jornalista pode fugir de determinados vícios de pauta e captação dos meios de comunicação que, mesmo gerando uma imensa quantidade de informações, acabam focando estas mesmas informações nos centros de poder – seja político, econômico, social ou cultural – reduzindo assim o espectro de pessoas e fontes que alimentam o fazer jornalístico. O profissional da área, ao estabelecer uma relação dialógica entre entrevistador e entrevistado, ao diversificar as fontes no processo de captação, ao utilizar como recurso metodológico a História Oral, mesmo que utilize esses recursos em momentos específicos, pode contribuir para uma visão mais polissêmica do real. Esta preocupação é relevante na medida em que os meios de comunicação, em especial os meios impressos, tornam-se também importantes fontes de pesquisas para as gerações futuras.

Palavras-chaves: Jornalismo, entrevista, História Oral, metodologia e processos mediáticos e culturais

137

ABSTRACT

The purpose of this article is to discuss how the journalist can avoid certain vices of task assignments and capturing of the means of communication which, even generating a huge amount of information, end up focusing this information on the centers of power – political, economical, social or cultural -, reducing the range of people and sources that sustain the making of journalism. When the professional establishes a dialogical relationship between the interviewer and the interviewed, when diversifying the sources of the capturing of information process, when using as methodological resource Oral History – even if the usage of this methodology occurs in specific moments – that can contribute to a more polysemic vision of the real. This preoccupation is relevant as long as means of communication, in special print media, become important sources for next generations researches.

Key words: Journalism; interview; Oral History; methodology and mediatic and cultural processes

* Marta Regina Maia é doutora em Ciências da Comunicação - jornalismo - pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), mestre em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep) e professora da Unimep. Historiadora formada pela Unicamp. Participa do Grupo de Pesquisa "Processos Mediáticos e Culturais". Mantém o site: www.martamaia.pro.br.

Introdução

Uma das características típicas da sociedade atual é a velocidade do fluxo de informações. O advento da Rede Mundial de Computadores contribuiu decisivamente para que este fluxo pudesse circular de maneira intensa, embora as múltiplas interpretações de milhões de acontecimentos em todas as regiões do mundo ainda fiquem restritas àqueles que têm acesso a essa tecnologia. No interior desta realidade, entre muitos outros profissionais, encontra-se o jornalista, esse mediador privilegiado dos tempos (pós) modernos. Se ele é também um ‘construtor de significados’, como fala a pesquisadora Cremilda Medina (2003, p. 74), é preciso pensar então como acontece essa constituição de sentidos, qual a contribuição deste profissional para a circulação das informações e quais os mecanismos que ele utiliza para a produção jornalística.

O propósito deste artigo é discutir como o jornalista pode fugir de um certo círculo vicioso dos meios de comunicação, que, mesmo gerando uma imensa quantidade de informações, acaba focando estas mesmas informações nos centros de poder – seja político, social, econômico ou cultural – e assim reduz o espectro de pessoas e fontes que alimentam o fazer jornalístico. Como percorrer este caminho cotidiano de ir ao encontro da fonte que, afinal de contas, é a responsável diuturna deste processo. Como o jornalista pode ser um ouvinte, na época do fim da ‘comunidade dos ouvintes’, como apresenta Walter Benjamin (1993, p. 205).

Ao discutir o fim da arte de narrar, Walter Benjamin ressalta o papel que a imprensa desempenhou nesse sentido. ‘Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por este declínio’ (1993, p. 203). A questão é que, seguindo este raciocínio, a informação necessita da explicação para que seja aceita, necessita ser “plausível”.

A objetivação do relato, motivada principalmente pelo advento da imprensa massiva, reduz a comunicação a um processo de transmissão de informações a partir dos meios de comunicação impressos, em um primeiro momento, até chegar aos meios eletrônicos e digitais, responsáveis pela veiculação de informações para milhões de pessoas ao redor do mundo. Para tentar atingir o máximo de pessoas e poder ser compreensível, a informação acabou sendo gramaticalizada¹, o que resultou, em geral, em certas normatizações que desconhecem o aspecto subjetivo inerente ao sujeito que fala e também ao sujeito que ouve e reconta.

Nas relações cotidianas entre repórter e fonte há sempre uma disputa em jogo. Metáfora que pode ser usada não só para ilustrar o texto, mas para se pensar de maneira axiomática que os interesses são diversificados, já que envolvem as visões dos jornalistas, das fontes, dos editores, dos empresários do setor, da chamada opinião pública e ainda das crescentes minorias. Além

destes interesses abarcam ainda aspectos subjetivos da própria produção textual.

É importante refletir a relação entre repórter e fonte, especialmente quando, na atualidade, a notícia também transforma-se em uma mercadoria. Se a base da sociedade é a relação mercantil, então o que se observa, muitas vezes, é a transposição desta relação também no processo de transmissão de informações. A fonte passa a ser vista somente como uma mera “passadora” de informações, suficiente, muitas vezes, para produzir os caracteres necessários de uma pauta já pré-estabelecida de uma matéria já definida a priori.

Como é possível, então, sair desse padrão e estabelecer uma relação sujeito-sujeito com as fontes? Uma das possíveis respostas é tentar fugir da própria armadilha que a sociedade globalizada propõe ao fazer do futuro a condição do presente (SOUSA, 2001) e, assim, de certa forma, tenta impedir que as pessoas vivam o presente de uma maneira mais plena e profícua.

O distanciamento deste presente, quando ocorre, atrofia o processo de comunicação, já que as relações não levam em consideração o momento do encontro, mas sim o caráter utilitário que este “encontro” reveste-se e os resultados que ele pode gerar. Mas como toda situação comporta contradições, é possível recorrer a Edgar Morin, que aponta dois tipos de entrevistas² em que é possível estabelecer uma relação de fato entre entrevistador e entrevistado: as ‘entrevistas-diálogo’ e as ‘neoconfissões’ (1973). Morin argumenta, com propriedade, que a entrevista-diálogo ‘é uma busca em comum. O entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema’. (p. 129)

Pode parecer redundância chamar uma entrevista de diálogo, entretanto, o que se pode notar em muitos veículos de comunicação é a participação acentuada do próprio entrevistador, que muitas vezes acaba tendo mais evidência do que a fonte, ou ainda o depoimento como uma espécie de *referendum* de uma situação pré-estabelecida, a chamada entrevista-rito. Assim, ao estabelecer dialogias no interior da produção jornalística, o profissional contribuirá para mostrar uma visão polissêmica da realidade.

Partilhar a visão de mundo do outro, dela extrair a utopia humana e ampliar a competência técnica e científica na narrativa solidária não é uma miragem, é uma possibilidade” (MEDINA, 2003, p. 80). Ao romper com determinados padrões, o sujeito jornalista cria uma demanda que a própria sociedade vê-se privada, a de ouvir e ser ouvida. Não mais o distanciamento objetivo³, destituído de subjetividade, mas a aproximação de indivíduos que, independente da partilha ou não de

idéias semelhantes, conseguem estabelecer uma relação humana, uma “comunicação pessoal. (MORIN, 1973, p. 126)

Há uma situação mais radical, representada pelas ‘neoconfissões’. Ainda de acordo com Edgar Morin, neste caso, o entrevistador se apaga diante do entrevistado, uma vez que ‘este não continua na superfície de si mesmo, mas efetua, deliberadamente ou não, o mergulho interior’ (1973, p. 129). Esta é uma situação mais difícil de ocorrer já que o sujeito-repórter – envolvido com o excesso de trabalho, muitas vezes - tem pouco tempo para ouvir, entretanto, algumas vezes é possível dilatar esse prazo em nome de uma comunicação não convencional, mais democrática e relacional.

No exercício jornalístico, entre outras possibilidades, é possível chegar a ‘entrevista-diálogo’ e as ‘neoconfissões’ por intermédio de um procedimento cada vez mais utilizado no interior da História, que é o recurso da História Oral. Esta metodologia, “emprestada” da História, pode conseguir abrir novos campos de atuação para o repórter, que tanto pode ampliar o espaço para a discussão sobre a arte de entrevistar quanto criar novas demandas de pautas, permitindo que fontes não convencionais também sejam ouvidas.

Como o processo de captação de uma entrevista é bem mais amplo e envolve outras questões⁴, a proposta deste artigo, portanto, é bastante específica e pretende somente discutir dois aspectos deste processo: a renovação das fontes (o que pode levar a novas abordagens) e qual o tipo de relação que pode ser estabelecida entre o entrevistador e o entrevistado a partir da utilização do recurso metodológico da História Oral, que, certamente, só poderá ser usado na produção de matérias de perfil, naquelas relacionadas a datas históricas, investigativas e ainda nas de visão de mundo. Importante salientar que em todos os casos da produção jornalística é preciso que o profissional utilize outros procedimentos complementares de pesquisa, o que não será objeto de estudo neste artigo, tampouco o processo de edição da entrevista, que envolveria outros aspectos da discussão.

140

Entrevista e História Oral

Boa parte dos pressupostos teóricos da relação entre entrevistador e entrevistado advém do campo das ciências sociais, entretanto, no campo jornalístico, também é possível fazer uma pequena revisão bibliográfica sobre o papel da entrevista no jornalismo. Alguns são paradigmáticos como o livro de Cremilda Medina: “Entrevista: o diálogo possível!”. Com base nas concepções do filósofo Martin Buber, ela define entrevista como uma ‘técnica de interação social, de interpenetração informativa (...) pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação’ (1995, p. 8). A partir das quatro classificações de Edgar Morin, Cremilda Medina define dois grandes grupos: os de espetacularização e os de compreensão. Os

subgêneros da espetacularização seriam os seguintes *Perfis: do pitoresco, do inusitado, da condenação e o da ironia 'intelectualizada'*. Já os da *compreensão* seriam: *entrevista conceitual, entrevista/enquete, entrevista investigativa, a confrontação-polemização e o perfil humanizado*.

Sem negar a existência de fatores limitadores ao desempenho do próprio jornalista que está sujeito aos mecanismos da empresa jornalística, a autora levanta algumas questões que podem contribuir para a existência do 'Diálogo Possível na comunicação coletiva' (1995, p. 44). A mesma autora já discutia a relação narrador-fonte em outro livro publicado dez anos antes: "Notícia: um produto à venda". Neste trabalho, ela também reforça a importância do diálogo entre repórter e entrevistado.

Outra referência importante é o livro "A reportagem: teoria e técnica da entrevista e pesquisa jornalística", de Nilson Lage, que classifica as entrevistas em quatro tipos: *ritual, temática, testemunhal e em profundidade* (2001, p. 74-75). Ele ainda formula os diversos tipos de circunstâncias que envolvem as entrevistas como sendo *ocasional, confronto, coletiva e dialógica*, sendo esta última a 'entrevista por excelência'.

Muitos outros autores⁵ ainda discutem o processo de produção jornalística sem, no entanto, levantarem elementos específicos que poderiam contribuir para a discussão particular sobre a relação entre entrevistador e entrevistado.⁶

Antes de discutir o uso deste método no jornalismo, é importante realizar uma breve exposição do desenvolvimento da História Oral, que é tão antiga quanto a própria História, já que desde Heródoto (século V a. C.) ela é praticada. O uso difundido da expressão História Oral, entretanto, é novo, tanto quanto o gravador; e 'tem implicações radicais para o futuro', garante Paul Thompson (1992, p. 45). No interior da História, já há alguns anos, discute-se a necessidade da ampliação do conceito de documento, que pode ter outras formas de expressão, como os depoimentos orais. No caso, a partir deste referencial concreto, os depoentes fazem parte do amplo leque de fontes que os pesquisadores podem utilizar.

"História oral" é termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio de entrevistas de variada forma, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade[...] Dentro do quadro amplo da história oral, a "história de vida" constitui uma espécie ao lado de outras formas de informação também captadas oralmente. (QUEIROZ, 1991, p. 5-6)

O jornalista, ao realizar entrevistas com o método da História Oral, poderá descortinar novos campos de investigação, além de ter acesso a

materiais que não são públicos (THOMPSON, 1992). Isto, em um país que não tem uma política pública eficaz de acervo como o Brasil, pode representar um importante aspecto na diversidade das informações. Mas é também no conteúdo que é possível verificar uma alteração de enfoque surpreendente. O historiador Paul Thompson, ao discutir a importância da História Oral, levanta uma questão que é passível de se correlacionar com a produção jornalística:

Uma vez que é da natureza da maior parte dos registros existentes refletir o ponto de vista da autoridade, não é de admirar que o julgamento da história tenha, o mais das vezes, defendido a sabedoria dos poderes existentes. A história oral, ao contrário, torna possível um julgamento muito mais imparcial: as testemunhas podem, agora, ser convocadas também de entre as classes subalternas, os desprivilegiados e os derrotados. Isso propicia uma reconstrução mais realista e mais imparcial do passado, uma contestação ao relato tido como verdadeiro. (1992, p. 26)

A opção por um método que justamente tem na escuta um de seus principais referenciais pode alavancar uma reportagem no sentido de expressar outras versões sobre um fato que pode ter sido noticiado de maneira bipolar, com a utilização convencional de dois lados de um mesmo acontecimento, sem espaço para outras visões. Ao levar em consideração outros depoimentos, o jornalista pode, inclusive, abrir caminho para outros campos de investigação até então desconsiderados no processo da produção jornalística.

142

A importância da observação

É válido, entretanto, abrir um parêntese nesta discussão para um aspecto que antecede a intervenção do repórter em seu labor cotidiano, que é a sua capacidade de observação. Como a entrevista é realizada por um sujeito, torna-se importante pensar quem é este e quais as influências que recebe no interior da sociedade.

Edgar Morin, no livro intitulado "Meus Demônios" - um exercício de reflexão de sua produção científica a partir de sua autobiografia -, demonstra que as idéias têm uma relação direta com o que ocorre à sua volta e com as opções político-culturais de cada indivíduo. Neste livro, o autor argumenta que não há conhecimento 'espelho' do mundo objetivo. 'O conhecimento é sempre tradução e construção (...) toda observação e toda concepção devem incluir o conhecimento do observador que concebe. Não há conhecimento sem autoconhecimento' (1997, p. 201). Nesse sentido, é interessante que o jornalista faça um mergulho interno e tente, pelo menos, perceber quais os motivos que o levam a seguir este ou aquele caminho.

O jornalista deverá (re)pensar-se nesse processo, pois é importante que ele reconheça que existe um “outro”, que pode pensar diferente, que pode ter contribuições divergentes da maioria, que pode fugir da visão dualista do certo e do errado e levantar questões diferentes das que estão em pauta, mesmo levando-se em consideração os limites de sua atuação. Se o repórter não consegue tentar entender quem é o outro nesse processo, corre o risco de tornar-se um ser “asséptico”, desprovido de sua própria humanidade. O que distingue o homem da inteligência artificial, que tem se tornado uma referência essencial no mundo contemporâneo, é justamente a capacidade de se emocionar e de estabelecer relações afetivas que podem reconduzir o sujeito a um estado relacional:

Los ciudadanos occidentales sufrimos una terrible deformación, un pavoroso empobrecimiento histórico que nos ha llevado a un nivel nunca conocido de analfabetismo afectivo... sabemos sumar, multiplicar y dividir; pero nada sabemos de nuestra vida afectiva, por lo que seguimos exhibiendo gran torpeza en nuestras relaciones con los otros, campo en el que cualquiera de las culturas llamadas exóticas o primitivas nos supera con creces. (RESTREPO, 1994, p. 27).

A sensibilidade observadora do profissional não irá provocar rupturas nos megaconglomerados de comunicação, mas pode abrir algumas brechas nas muitas representações unívocas que são passadas pelos próprios meios. Um exemplo de como essa espécie de entorpecimento muitas vezes restringe a visão de mundo pode ser fornecido por um diálogo mantido entre o jornalista José Castello (1999) e Clarice Lispector, em um café carioca. Nessa conversa, aparentemente banal, evidencia-se uma questão que deveria intrigar a todos que se preocupam com a produção jornalística contemporânea, que é a capacidade de observar a vida com outros olhares.

“Por que aquele velho é velho?”, ela me pergunta de repente. “Ora, porque deve ter seus setenta anos”, respondo, sempre preso à mania dos fatos, que caracteriza os jornalistas. Ela ri pela primeira vez. E me corrige: “Você ainda se preocupa com números. Assim não pode mesmo escrever”. (p. 26)

Mesmo que este exemplo tenha como referência a questão da produção literária, é possível correlacioná-lo à produção jornalística, já que as narrativas jornalísticas são produzidas por pessoas que deveriam ter uma visão mais ampla de sociedade, justamente pela função de mediadoras da realidade. Mas como ter uma visão mais ampla de mundo? Pergunta cuja resposta não pode ser absoluta, já que o ser humano também é carregado de subjetividade. Entretanto, se o profissional da área não conseguir ampliar a sua maneira de

pensar o mundo enfrentará muitas dificuldades em sua labuta diária, encontrará mais empecilhos para uma práxis mais plena. Em algumas (muitas) situações, é preciso deixar os aparelhos telefônicos e a Internet e respirar o ar, mesmo que poluído, das ruas, ouvir outras vozes, afinal as pessoas têm muito a dizer, basta terem espaço.⁷

É inegável o cerceamento que o profissional da área de comunicação sofre em seu cotidiano, especialmente na chamada grande imprensa. Algumas brechas, entretanto, podem ser criadas, como a produção de livros-reportagens, a criação de blogs ou a produção de *making of* das próprias reportagens produzidas. O crescimento vertiginoso do fluxo informativo apresenta uma nova perspectiva em que os leitores, ouvintes, telespectadores e internautas têm o direito de ter acesso não só à informação, mas também aos mecanismos de produção da mesma.

Limites, fronteiras e possibilidades da História Oral na entrevista

144 Ao discutir a questão dos gêneros jornalísticos, José Marques de Melo situa a entrevista como um 'relato que privilegia um ou mais protagonistas do acontecer, possibilitando-lhes um contato direto com a coletividade' (1994, p. 65). Ele ainda classifica a entrevista na categoria de jornalismo informativo, juntamente com a *nota*, a *notícia* e a *reportagem*. Vale frisar que a entrevista serve como base de boa parte do material veiculado pelos meios de comunicação e, justamente por alimentar o processo de produção, muitas vezes, fica à mercê da rotina profissional. Para sair desses liames inerentes à própria prática é válido sempre refletir e tentar criar certas demandas que possam auxiliar a romper com determinadas visões cristalizadas.⁸

A colaboração da História Oral na produção jornalística pode se dar não só no aspecto da recuperação do passado, mas também na forma da abordagem. É possível então levantar em quais tipos de entrevistas a utilização dessa metodologia é recomendável. A sistematização feita por Cremilda Medina pode contribuir para uma melhor compreensão desta proposta. Ao discutir as entrevistas de compreensão, que têm como questão essencial o aprofundamento, ela propõe a entrevista *enquête*, *confrontação/polemização*, *conceitual*, *investigativa*, e o *perfil humanizado* (1995, p. 38). Destas, é possível usar o método da História Oral especialmente nas três últimas.

Conceitual. Neste caso, o repórter está interessado mais em conceitos do que em comportamentos. *Investigativa*. Como o nome revela, ao investigar algum fato/fenômeno, o jornalista precisa, além dos mecanismos usuais, muitas vezes, de uma determinada fonte (em *off*) que tanto forneça pistas quanto confirme certos aspectos da investigação. *Perfil humanizado*. Utilizando as próprias palavras de Cremilda Medina: 'esta é uma entrevista aberta que

mergulha no outro para *compreender* seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida' (1995, p. 18).

Para não correr o risco da generalização, optou-se por estabelecer a relação da História Oral com estes três tipos de entrevistas. Entretanto, esta metodologia poderá ser usada mesmo quando a entrevista não tiver um caráter autônomo na produção jornalística. O historiador Paul Thompson define três modos pelos quais a História Oral pode ser construída (1992). A primeira refere-se à narrativa da história de uma única vida. No caso da entrevista *Conceitual* é possível utilizar esse recurso, mesmo que a preocupação se situe no campo da especialização, é possível produzir, por intermédio da história de vida de um especialista (que necessariamente não precisa ser famoso) a história de um determinado campo do conhecimento, por exemplo.

E não é preciso que a narrativa de uma única vida apresente exatamente uma só biografia individual. Em casos importantes, ela pode ser utilizada para transmitir a história de toda uma classe ou comunidade, ou transformar-se num fio condutor ao redor do qual se reconstrua uma série extremamente complexa de eventos. (1995, p. 303)

No caso do *Perfil humanizado* fica ainda mais evidente a utilização deste caminho, pois ao traçar o perfil do entrevistado deve-se levar em consideração uma trajetória de vida, uma experiência que é singular. O encontro pode representar um momento de mergulho na existência humana, não um mero desfilar de descrições cronológicas da vida de uma pessoa. É importante que o jornalista deixe a sensibilidade aflorar, já que não há regras definitivas para uma situação de empatia que, ao ocorrer, poderá abrir o flanco de muitos entrevistados, sejam famosos ou anônimos.

O jornalista José Castello, ao criticar a forma de tratamento dada à literatura, afirma que esta 'é tratada ora como objeto de exibicionismo intelectual, ora como simples mercadoria (...) o melhor a fazer é retornar aos bastidores' (1999, p. 8), ao que ele chama de 'sombra', espaço sem luz, ausência. Paradoxalmente, talvez esteja faltando um pouco de silêncio ao jornalismo. Silêncio justamente afeito ao indizível, aos meandros inexplicáveis da vida humana, afinal, em uma narrativa humanizada, algumas palavras podem ceder espaço às sensações (que podem ou não ser descritas).

O segundo modo definido por Thompson é a 'coletânea de narrativas', que pode agrupar várias histórias em torno de temas comuns. A rememoração de datas históricas, por exemplo, pode ser complementada pelos relatos orais de pessoas que vivenciaram determinadas situações. Tanto pode ser usada na entrevista *conceitual* como na *investigativa*, afinal muitas questões poderão ser descortinadas a partir de determinados depoimentos. Outro historiador, Alistair Thomson (1997), ao realizar um trabalho de História Oral com antigos sobreviventes australianos da Primeira Guerra Mundial, levantou

o véu da hipocrisia que existia na sociedade australiana, que venerava os antigos combatentes como sendo grandes heróis, quando na verdade eles também passaram por situações de medo e de fuga, o que até o momento de publicação do trabalho de pesquisa ainda não havia sido objeto de discussão no interior da sociedade. Por se tratar de trabalho mais complexo, é preciso que o jornalista (ou um grupo de jornalistas), nesse caso, tenha um amplo domínio das técnicas da História Oral, mas se isto não for possível, o profissional da área também poderá recorrer aos centros de pesquisa de História Oral que já têm muitos trabalhos realizados e que podem contribuir para a indicação tanto de novas fontes como para novas versões de fatos históricos tidos como definitivos.

A terceira forma levantada por Paul Thompson é a da análise cruzada: 'a evidência oral é tratada como fonte de informações a partir da qual se organiza um texto expositivo' (1999, p. 304). Um pouco mais difícil de ser concretizada nos parâmetros dos meios convencionais de comunicação, poderá ser um pouco mais utilizada na produção de livros-reportagem, por exemplo⁹.

Todas essas formas não desconsideram, em absoluto, a importância dos registros escritos, mas sempre com a preocupação de que 'nenhum documento é inocente' (LE GOFF, 1984, p. 221) e justamente por causa disso não tem uma sustentação autônoma no processo histórico, ou seja, não pode ser considerado o "porta-voz" do acontecimento, representando somente mais um elemento para a composição do cenário histórico. Um dos limites da História Oral seria os falsos testemunhos, entretanto, no processo de captação, o jornalista estará sempre sujeito a este problema, por isso a checagem das informações deve ser um procedimento constante. Qualquer análise mais cuidadosa deverá sempre levar em consideração que tanto o documento escrito quanto o depoimento oral não são conclusivos nem totalmente verdadeiros, em geral são permeados por condicionantes políticos, ideológicos e culturais.

Considerações finais

Repórter e fonte: um encontro possível. A História Oral pode contribuir para a existência deste encontro a partir de dois aspectos que lhe são essenciais e não muito praticados pelo jornalismo contemporâneo: dar voz aos anônimos¹⁰. Este é um dos aspectos da História Oral, que, por outro lado, também pode ser usada para estudos de determinadas instituições e/ou grupos sociais como empresários, militares, entre outros.

A proposta aqui levantada não pretende ser completa, muito menos definitiva - mesmo porque precisa haver o imbricamento entre a pauta e a própria captação -, representa somente algumas sugestões que, entre outras, precisam ser cada vez mais discutidas no ambiente dos cursos de jornalismo

e também pelos profissionais da área. A história da reportagem, felizmente, é permeada por experiências que levam em consideração algumas das idéias levantadas neste artigo. A proposta de utilização da História Oral não surge como uma panacéia para a produção jornalística, apenas pretende acrescentar mais uma perspectiva de interação com outro campo do conhecimento, que é a História.

Outros problemas inerentes ao campo jornalístico, que são as pressões econômicas, políticas e culturais, entre outras, não podem servir de pretexto para o “enquadramento” da profissão às regras dos Manuais de Redação. É sabido que o jornalista não é um ser autônomo no contexto da comunicação, entretanto, mesmo com as dificuldades inerentes ao processo, há vários exemplos de entrevistas veiculadas na atualidade que contribuem para uma produção mais diversificada, o que seria interessante é a ampliação dessas experiências.

A formação dos jornalistas (tanto na academia quanto no ambiente das redações) também deve ser objeto de constante discussão, já que propostas mais arrojadas só podem ser colocadas em prática por profissionais versáteis, conectados não só com o conhecimento técnico, sistematizado, mas também com as experiências de vida. A pesquisadora Maria Aparecida Baccega, ao discutir a construção do campo da comunicação, estabelece uma relação entre o discurso da história, da literatura e do jornalismo, que evidencia a importância do papel de mediador do jornalista na contemporaneidade.

147

O sujeito comunicador trabalha com o cotidiano, tal qual o escritor. Também ele terá de ter sensibilidade para desvelar o aspecto cambiante da palavra, ‘assumindo, desse modo, seu papel de mudança’. Mas, para assumir esse papel de mudança, tem que ter sentido da totalidade, tem que conhecer o passado, tem que saber elaborar/reelaborar essas duas realidades conjuntamente, dialeticamente. E isso o difere do escritor e do historiador. Se o primeiro trabalha com o cotidiano, do presente ou do passado, a partir do qual cria seu universo e nele faz circular seus personagens e, se o segundo trabalha com o passado, reelaborando-o cientificamente a partir do presente, ao comunicador competem as duas operações conjuntamente. Sem dúvida, a exigência é maior. (1998, p. 61)

Esta exigência torna-se ainda mais complexa ao se pensar que o material jornalístico produzido hoje também servirá como referência para futuros pesquisadores. Se o legado para o futuro se pautar somente pelas fontes oficiais, recorrentes, a realidade poderá ser marcada por uma visão muito restrita. Se ocorrer o oposto, o passado poderá emergir de uma maneira mais plural, mais rica e diversificada. É preciso que o jornalista tenha disposição

para escutar. A arrogância de alguns profissionais, em inúmeros casos, advinda da centralidade que os meios de comunicação têm atualmente, dificulta o exercício do ouvir. O que se percebe, em algumas entrevistas, é uma postura unilateral do entrevistador, como se a sociedade lhe tivesse outorgado a responsabilidade de sobrepujar o entrevistado; a grande questão é que alguns profissionais estão muito distantes desta mesma sociedade. A polêmica e os questionamentos são sempre salutares na prática profissional, entretanto a flexibilidade também é saudável em uma época tão intrincada como a atual. Ser mais despojado, ao mesmo tempo possuir um repertório cultural capaz de aliar a técnica, a estética e a ética em sua prática é um desafio difícil, mas possível de ser atingido por aqueles que não estão conformados com a própria realidade.

Referências bibliográficas

BACCEGA, Maria Aparecida. *Comunicação e linguagem: Discursos e ciência*. São Paulo: Moderna, 1998.

BAHIA, Juares. *Jornal, História e Técnica*. São Paulo: Ática, 1990

BELTRÃO, Luiz. *A imprensa informativa*. São Paulo: Folco Masucci, 1969.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CASTELLO, José. *Inventário das sombras*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

148 ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição do jornal diário*. Petrópolis: Vozes, 1984.

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LE GOFF, Jacques. "História". In ENCICLOPEDIA EINAUDI. Rio de Janeiro, 1984.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o Livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1993.

MAIA, Marta Regina. *Quadros radiofônicos: memórias da comunidade radiouvinte paulistana (1930-1950)*. 2003. Tese (Doutorado em Comunicação) Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo.

MEDINA, Cremilda. *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus, 2003.

_____. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 1995.

_____. (org.). *Cotidianos do Metrô*. São Paulo: ECA/USP, 1999.

_____. *Notícia: um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. (org.). *Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo*. São Paulo: FTD, 1992.

MORIN, Edgar. *Meus demônios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. _____ . *O método I: A natureza da natureza*. 2ª ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1977.

_____. A entrevista nas Ciências Sociais, no Rádio e Televisão. In: MOLES, Abraham A.,

Linguagem da cultura de massa et al. Petrópolis: Vozes, 1973.

PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2005.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T. A Queiroz Editor, 1991.

RESTREPO, Luis Carlos. *El derecho a la ternura*. Bogotá: Arango Editores, 1994.

ROUCHOU, Joëlle. *Ouvir o outro: entrevista na história oral e no jornalismo*. Trabalho apresentado no Núcleo de Jornalismo, do XXVI Congresso da Intercom, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

SOUSA, Mauro Wilton de. *Novas linguagens*. São Paulo: Editora Salesiana, 2001.

THOMSON, Alistair. Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias, Revista Programa de Estudos pós-graduados em História (Ética e História Oral), nº 15, São Paulo

– Dep. de História (PUC-SP – EDUC), 1997.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado – História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Notas

¹ Não me refiro aqui às contribuições de Philip Meyer, entre outros, que tem contribuições importantes no sentido da precisão jornalística, mas sim aos cadernos de normas e redação de alguns veículos que tentam uma padronização de procedimentos que, muitas vezes, entorpecem a criatividade tanto do processo de captação quanto da produção textual e edição das matérias.

² Edgar Morin define ainda mais dois tipos de entrevistas: entrevista-rito e entrevista-anedótica.

³ Como afirma Felipe Pena (2005) a objetividade não pode ser definida em oposição a subjetividade, ao contrário, ela representa um método que pode assegurar um rigor científico ao se reportar a realidade.

⁴ Neste trabalho, o termo entrevista é utilizado em um sentido mais autônomo da produção jornalística, já que o termo entrevista também pode usado para a checagem de certas informações, bem como para alimentar determinadas matérias com declarações de entrevistados.

⁵ Importante registrar os livros de Mário L. Erbolato, José Marques de Melo, Luiz Beltrão e Juarez Bahia. Ver os dados completos das obras destes autores nas Referências Bibliográficas deste trabalho.

⁶ Um artigo escrito por Joëlle Rouchou levanta algumas questões que evidenciam a proximidade entre a História Oral e a técnica de entrevista (Ver Referências Bibliográficas). Em minha tese de doutorado, intitulada “Quadros radiofônicos: memórias da comunidade radiouvinte paulistana (1930-1950)”, também utilizo o recurso da História Oral e da entrevista - por intermédio da pesquisa de recepção - com o objetivo de recuperar o ambiente radiofônico da época, inclusive do radiojornalismo.

⁷ A fim de produzir uma reportagem sobre os anônimos que utilizam o Metrô paulistano cotidianamente, fiquei cerca de 10 dias, alternados, fazendo caminhadas entre a estação Jabaquara e as ruas que circundam a região, tanto geográfica quanto culturalmente acabei indo parar em lugares inimagináveis (pelo menos para mim). O resultado dessa reportagem pode ser conferido no livro organizado por Cremilda Medina (1999).

⁸ Vale ressaltar que a metodologia da História Oral pode ser utilizada pelos meios impressos, radiofônicos, televisivos e digitais (massivos ou não) e, ainda, pelas mídias radicais, comunitárias ou alternativas.

⁹ Edvaldo Pereira Lima (1993) apresenta relevante trabalho sobre a ampliação do jornalismo por intermédio dos livros-reportagem.